

LEITURA EM LÍNGUA INGLESA: UMA HABILIDADE ESSENCIAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Carlos Antonio de Souza¹
 Farney Messias Araújo²
 José Adailton Rocha Pontes³
 Jocicleide de Sousa Freitas⁴

Resumo

Falar, ler e compreender o idioma inglês nos dias de hoje não é uma obrigação, mas uma grande necessidade para boa parte da população mundial. A língua inglesa é indubitavelmente a mais falada internacionalmente em todo o planeta, pela maioria dos povos e nações. Ela tornou-se a língua que mais é exigida em todos os campos, educacionais, profissionais e culturais da história da humanidade. Pois, as diversas formas metodológicas de aprendizagem proporcionam a ampliação do desejo de aprender e falar inglês. No contexto dessa pesquisa, discorreremos sobre uma grande variedade de formas de ensino e aprendizagem desse idioma através da facilitação dos métodos, abordagens e estratégias de leituras que focam no crescimento pessoal do aprendiz que a cada dia sente a necessidade de estar apto a se comunicar utilizando a língua inglesa.

Palavras-chave: Língua inglesa. Métodos. Abordagens. Estratégias.

Abstract: ENGLISH LANGUAGE READING: AN ESSENTIAL SKILL IN THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING A FOREIGN LANGUAGE

Speaking, reading and comprehending the English language nowadays is not an obligation but it has become a necessity to a massive part of the world population. The English language is undoubtedly the most internationally spoken language around the globe. It has become the most required linguistic basis for educational, professional and cultural matters regarding the human history and its many learning

1. Graduado em Letras-Inglês, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Licenciado em Português e Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Ateneu (UniAteneu); Professor efetivo da rede estadual de ensino do estado do Ceará (SEDUC) desde 2010 na Escola de Ensino Médio Antônio Luiz Coelho.

2. Graduado em Geografia, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Especialista em Educação Ambiental pelo Centro Universitário (SENAC); Especialista em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão, pela Faculdade da Grande Fortaleza (FGF); Professor efetivo da rede estadual de ensino do estado do Ceará (SEDUC) desde 2010.

3. Graduado em Letras Português-Espanhol, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Educação a Distância pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela FAK, professor efetivo de Língua Espanhola da Prefeitura de Maranguape e coordenador pedagógico da EEM Antônio Luiz Coelho.

4. Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física (UECE) e Gestão Desportiva e de Lazer (IFCE); Professora Especialista em Fisiologia do Exercício (UECE) e Educação Física na Educação Básica (UECE). Professora efetiva da rede estadual de ensino do estado do Ceará (SEDUC) desde 2014.

methodologies provide the strengthening of the willing to learn and speak English. In the context of this research, we discuss a great variety of teaching methods in the learning process of this language through the facilitation of methods, approaches and reading strategies that focus in the learner's personal development as well as the growth of the need to be able to communicate in English.

Keywords: English language. Methods. Approaches. Strategies.

Resumen: LECTURA DEL IDIOMA INGLÉS: UNA HABILIDAD ESENCIAL EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE UN IDIOMA EXTRANJERO

Hablar, leer y comprender el idioma inglés en los días de hoy no es una obligación, sino una gran necesidad para buena parte de la población mundial. La lengua inglesa es indudablemente la más hablada internacionalmente en todo el planeta por la mayoría de la gente y naciones. Se ha convertido en la lengua que más se requiere en todos los campos, educativos, profesionales y culturales de la historia de la humanidad. Pues, las diversas formas metodológicas de aprendizaje proporcionan la ampliación del deseo de aprender y hablar inglés. En el contexto de esta investigación, discutimos sobre una gran variedad de formas de enseñanza y aprendizaje de ese idioma a través de la facilitación de los métodos, enfoques y estrategias de lecturas que se centran en el crecimiento personal del aprendiz que cada día siente la necesidad de estar apto para se comunica utilizando la lengua inglesa.

Palabras clave: Lengua inglesa. Métodos. Enfoques. Estrategias.

1. INTRODUÇÃO

Partindo de um contexto sociocultural, o presente estudo tem como enfoque o idioma inglês, devido a sua universalização e como patrimônio linguístico da humanidade. A tematização aqui intitulada surge no momento em que observamos os caminhos que trilham a língua inglesa como a mais explorada num universo composto de milhares de idiomas.

Constituem-se como objetivos desta pesquisa os históricos caminhos percorridos pelo idioma inglês desde sua concepção pelos povos mais antigos do continente europeu até os dias de hoje. Todavia, foi levantada a hipótese da não existência eficaz de meios metodológicos de aprendizagem da língua materna ou de uma segunda língua, dentro do sistema educacional brasileiro, ou de outros países. Dessa forma, justificamos nossa pesquisa de cunho bibliográfica como a forma mais sucinta para tentar explicar os acontecimentos históricos que envolvem a língua inglesa, bem como as metodologias que implicam os entendimentos da leitura textual.

Observamos que no momento atual, o estudo de uma segunda língua universal recai sobre o idioma inglês, devido aos movimentos políticos de globalização. Todavia, independente de qualquer acontecimento social e político internacional, acreditamos que a leitura em língua inglesa é a mais convidativa, prazerosa e de fácil aprendizagem devido à gama de metodologias que facilitam sua assimilação dentro de qualquer processo de ensino e aprendizagem. Defendemos ainda que a leitura em inglês possibilita o acesso e a compreensão de informações diversas.

Contudo, para que pudéssemos desenvolver os conteúdos aqui explicitados nos deleitamos em um vasto universo literário que nos norteou ao longo de nosso estudo. Os conteúdos metodológicos aqui explicitados facilitam a aprendizagem, tanto de escrita como de leitura desse idioma universal.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

2.1. Historicidade da Língua Inglesa

Apesar de não ser a primeira língua a ser falada pela humanidade, o idioma Inglês é o mais falado em todas as nacionalidades, pois, ao longo dos tempos transformou-se em uma língua universal. Historicamente, de acordo com Lopes (2012, p. 8), “a língua inglesa tem origem pré-histórica situada num tronco comum: o indu-europeu. Passou por diversas transformações até atingir seu estágio atual”. Porém, conforme Bizzocchi (1997, p. 245), “a conquista normanda da Inglaterra no século XI estabelece um ponto decisivo da história do povo inglês e sua língua”.

Segundo Lopes (2012, p. 10), “a língua inglesa sofreu influência de diversos povos e essa influência é comprovada pelos registros escritos da evolução da língua inglesa, que se divide em três períodos: inglês antigo, inglês médio e o inglês moderno”. Terra (2001, p. 206) relata que “na época da conquista romana, os bretões que falavam uma língua céltica adotam o latim. A partir de 400 a.C. começaram as invasões germânicas. Por volta de 449, tem início a invasão dos anglos e saxões. A fusão das línguas dessas tribos dá origem ao Inglês”. Vale ressaltar que Terra (2001, p. 206) ainda nos diz: “inglês antigo 449 – 1150: anglo saxão. Nos escritos remanescentes desta época, distinguem-se quatro dialetos em escritas rúnicas², introduzidos pelos invasores germânicos”.

Para Martinez (2007, p. 220), “depois de se misturar com o francês, quando os franco-normandos invadiram a Inglaterra no ano de 1066 d.C., marcando o fim do inglês antigo, a língua inglesa foi simplificada”. Todavia, de acordo com Augusto Filho (2011, p. 13), “o inglês antigo foi falado até meados do século XII e XIII”. Porém, o inglês antigo não se parecia em nada com o Inglês padrão de hoje. Qualquer falante do Inglês de hoje iria achar o inglês antigo ininteligível sem estudá-lo como uma língua separada. No entanto, assim como nos fala Filho (2011, p.13), “cerca da metade das palavras mais

2. Rúnico: relativo a runas (“letras”)

usadas no inglês moderno tem raízes no inglês antigo”.

O período histórico da língua inglesa na idade média, segundo Terra (2001, p. 206), “se dá com a conquista normanda, quando o francês passa a ser a língua das classes dirigentes e da alta sociedade e o latim volta a ser meio de expressão erudita. O Inglês falado pelo povo, sem controle conservador, experimenta profunda evolução”. Porém, conforme Vian Júnior (2012, p. 23), “alguns estudiosos consideram essa divisão artificial e simplificadora, pois é baseada somente nos registros escritos existentes sobre a linguagem dessa época, uma vez que pouco se sabe sobre o uso oral da língua”.

Segundo Vian Júnior (2012, p. 26), “o que se convencionou a chamar de inglês moderno (modern english) estende-se desde o século XVI até a atualidade”. Porém, de acordo com Terra (2001, p. 206), “no século XV, a introdução da imprensa, a expansão do ensino popular, o renascimento e o uso do latim nos meios de comunicação foram fatores decisivos na formação do inglês moderno”. Nesse contexto histórico linguístico, Augusto Filho (2011, p. 15) nos fala também que “o inglês moderno é muitas vezes datado de grande mudança vocálica, o que ocorreu principalmente durante o século XV, quando o Inglês foi posteriormente transformado pela propagação de um dialeto padronizado baseado em Londres, no governo e na administração e pelo feito de padronização da impressão”.

Notoriamente, o idioma Inglês é o mais falado no mundo e isso se dá por referência a dois principais motivos: segundo Augusto Filho (2011, p. 15), o primeiro motivo foi “a Revolução Industrial e da Tecnologia, que criou a necessidade de novas palavras”, já o segundo motivo foi o fato de “o Império britânico, nessa altura cobrindo quase um quarto da superfície da Terra, fez com que o Inglês tomasse palavras de muitos países estrangeiros”. Para Vian Júnior (2012, p. 30), “esse período, assim, é marcado pela presença de um léxico³ bastante diversificado, com palavras de várias línguas”. Conforme Lopes (2012, p. 15), “o inglês é falado

como língua materna por cerca de 400 milhões de pessoas, tendo já se tornado a língua franca, o latim dos tempos modernos”.

2.1.1. Inglês Britânico versus Inglês Americano e sua universalização

Segundo Vian Júnior (2012, p. 34), “é digno de reflexão, e até mesmo de espanto, o fato de que uma língua com a ortografia tão complicada e arcaica tenha atingido a posição de idioma universal”. Conforme Góis (2009, p. 8), “há tempos, aprender inglês deixou de ser um diferencial e passou a ser uma necessidade. Já estamos cansados de saber que o domínio dessa língua universal é uma forma de abrir as portas para o nosso crescimento pessoal e profissional”.

De acordo com Laface et al. (2006, p. 119), “globalização linguística em favor da língua inglesa já é uma realidade neste início de século, sobretudo pela chegada de novas tecnologias da informação e pela estruturação de uma economia aberta para o mercado global”. Nesse contexto, Moraz (2010, p. 12) afirma que, “agradando algumas pessoas e desagradando a tantas outras, um processo de globalização do idioma inglês está em andamento desde o fim da segunda guerra mundial (1939 – 1945), acompanhando a crescente influência dos países vencedores do conflito”. Para Ohmae (2006, p. 154), “o inglês sempre foi um dos idiomas mais importante do mundo. Hoje é o idioma da economia global, ele é aprendido por aqueles que precisam comunicar-se além de suas fronteiras e nichos culturais”.

Sendo a língua inglesa a mais falada em todo mundo, teóricos linguísticos apontam algumas diferenças entre o inglês britânico e o inglês falado nos Estados Unidos. Segundo Jacobs (2002, p. 211), “dizem que o inglês britânico é mais puro, pausado, claro e, portanto mais fácil. Em contrapartida, outros alegam estar mais acostumados com o inglês americano, devido ao contato frequente com filmes e músicas dessa nacionalidade”. Porém, conforme Bagno (2007, p. 30), “se algum de nós disser a um

3. Dicionário de línguas clássicas antigas.

americano que ele “não sabe inglês” ou que o inglês falado nos Estados Unidos é “errado” ou “feio”, ele decerto vai ficar chocado com a nossa ignorância”.

No contexto de diferenças do inglês norte americano e o inglês britânico, Jacobs (2002, p. 211) se posiciona dizendo que “esse preconceito em torno das diversidades da língua inglesa resulta em parte, do contato inicial do estudante com seu instrutor, seja qual for a sua tendência linguística”. Ao rotular o inglês norte americano como feio ou errado em relação ao inglês britânico, Bagno (2007, p. 30) o defende afirmando que “afinal, existe um argumento mais do que convincente para rebater essa acusação: o tamanho do país e a quantidade de falantes do inglês que ali vivem, além da importância dos Estados Unidos no panorama mundial”.

Aprender o idioma inglês não implica escolher o país onde ele é originalmente falado. A essas pessoas damos sempre a mesma resposta: aprenda o inglês britânico se quiser ler Shakespeare; mas se quiser dominar uma língua de uso internacional, aceita em todos os cantos do mundo, veículo de intercâmbio cultural, comercial, diplomático, tecnológico, científico etc., aprenda o inglês americano. (BAGNO, 2007, p. 30).

Para os indecisos em relação à escolha de uma variante da língua inglesa, Jacobs (2002, p. 211) aconselha: “não entre nessa de ficar escolhendo com quem gostaria de conversar ou o que ouvir. Na época em que vivemos, marcada pela globalização econômica e cultural, devemos estar preparados para falar (e ouvir) o mundo”.

3. O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA (ELE) E SUAS PRINCIPAIS ABORDAGENS E MÉTODOS

A busca pela melhor metodologia de ELE torna-se a cada dia um desafio para as unidades de ensino e seus professores desde os séculos anteriores ao XXI. Segundo Nicholls (2001, p. 49), “o ensino de línguas estrangeiras evoluiu desde meados do século XX, marcando épocas com os mais diversos métodos e abordagens que pavimentaram seu percurso até os dias atuais”, pois de acordo com Dourado (2007, p. 69), “métodos e abordagens de ensino de língua estrangeira estão tradicionalmente ligados às

necessidades de um determinado contexto sócio-histórico”.

Para traçar diferentes especificidades metodológicas de ensino pelos quais se pode ensinar e aprender uma Língua Estrangeira (LE) torna-se imprescindível a apropriação de conhecimentos múltiplos nessa área, pois de acordo com Nicholls (2001, p. 49) “o acúmulo de teorias, de informações, de metodologias, cada qual com suas técnicas e procedimentos específicos, vieram na verdade confundir o profissional debutante nas suas decisões didáticas”.

Ao longo dos tempos, o ensino e a aprendizagem do idioma inglês passaram por várias transformações ocasionadas pelo surgimento de métodos que influenciaram, e que influenciam no desenvolvimento do ELE. Conforme Lima e Silva Filho (2013, p. 2), “aprender uma língua estrangeira significa mais do que conhecer o vocabulário, a gramática e a pronúncia; significa ter competência para comunicar-se por meio dela, visto ser este o objetivo final do estudo de um novo idioma”. Na opinião de Laface et al. (2006, p. 175), “indistintamente método ou abordagem é de vital importância para entendermos os elementos que compõem o processo de ensino e aprendizagem de uma LE”.

3.1 Abordagem da gramática e tradução (agt)

A Abordagem da Gramática e Tradução (AGT) é, segundo Laface et al. (2006, p. 178), “considerada por vários autores como método tradicional, a AGT é o termo mais usual, já que sua técnica principal é o ensino da LE com o auxílio de exercícios de tradução e versão. Possivelmente seja o método mais antigo conhecido”. De acordo com Nicholls (2001, p. 35), “essa abordagem teve suas raízes em tempos remotos, mais precisamente nas próprias raízes da gramática, ou seja, no século V a.C. com o início do longo processo de definição das partes do discurso”. Segundo Lima e Silva Filho (2013, p. 16), “normalmente está atrelado a um plano didático predeterminado, que envolve memorização de vocabulário, regras gramaticais e tem por objetivo proporcionar conhecimento metalinguístico, ou seja,

transmite ao aluno conhecimento a respeito da língua estrangeira”.

As principais características dessa abordagem, de acordo com Consolo e Vieira-Abrahão (2004) apud O’Maggio (1986) e Brown (1994), são as seguintes:

As aulas são ensinadas na língua materna; pouco uso da língua alvo; primeiro se ensina aos alunos as regras gramaticais por meio de longas explicações dedutivas; os exercícios de tradução, geralmente, são frases desconexas, sem contextualização, que são passadas da língua-alvo para a língua materna; há poucas oportunidades para a prática de atividades que trabalham a oralidade, quer na compreensão, quer na produção; trabalha-se com textos cujo conteúdo recebe pouca atenção e cuja compreensão é testada por meio da tradução.

No contexto desse método, de acordo com Lima e Silva Filho (2013, p. 4), “o método tradicional é certamente o mais usado pelos professores, devido às condições desfavoráveis encontradas nas salas de aula e também pela facilidade da aplicação do método”. A simpatia por essa metodologia de ELE se dá, segundo Lima e Silva Filho (2013, p. 4), porque “o professor simplesmente faz uma aula expositiva de gramática ou faz tradução com os alunos. Diferente do método comunicativo, pois este necessita da habilidade oral”.

3.1.1. Método direto ou abordagem direta (ad)

A Abordagem Direta (AD) no ensino de LE, no contexto da língua inglesa, surgiu basicamente como um método crítico a abordagem tradicional. Esse método surgiu no início do século XVI e tem como princípio o ensino da língua estrangeira por meio dela mesma, ou seja, a língua materna não deve ser usada. Porém, segundo Nicholls (2001, p. 37), “não teve, contudo, grande aceitação devido às doses maciças da LE a que eram submetidos os alunos, num verdadeiro processo de imersão, sem atingir, contudo, as metas esperadas”. De acordo com Lima e Silva Filho (2013, p. 6), “o método foi criticado por sua fraca base teórica. Os críticos alegavam que o Método Direto tinha êxito devido à habilidade dos professores e não pela metodologia. No século XX o método foi abandonado nos Estados Unidos e na Europa”. Esse método de ensino, conforme Dourado

(2007, p. 169), “objetivava ensinar a língua inglesa sem a mediação da língua materna”.

Algumas características dessa abordagem são apresentadas por Nicholls (2001, p. 37) afirmando que “a instrução era realizada totalmente na língua estrangeira, com exclusão absoluta da língua materna do aprendiz, foi introduzido o diálogo como meio instrucional, a apresentação oral do diálogo era apoiado em ilustrações pictóricas, miméticas ou gestuais”.

3.1.2. Abordagem da leitura

Essa abordagem foi enfatizada em meados de 1929 e aconteceu, segundo Nicholls (2001, p. 37), “em decorrência de uma análise do estado da arte, que provou a ineficiência dos métodos até então utilizados, recomendou-se o desenvolvimento das habilidades da leitura, uma vez que dotaria o processo de ensino-aprendizagem de LE de um objetivo prático”. Para Santos e Oliveira (2008, p. 75), “o ensino de inglês como língua estrangeira tem gerado reflexões sobre o desaparecimento dos textos literários nesse cenário”.

Nas características principais dessa abordagem, Nicholls (2001, p. 37) afirma que “pela primeira vez foram considerados os objetivos e interesses do aprendiz, abordava-se somente a gramática que fosse pertinente à compreensão do texto, vocabulário, por ser aspecto importante do método, era rigidamente controlado”.

4. ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Saber ler a escrita da língua materna ou línguas estrangeiras, tem se tornado cada vez mais uma de suma importância para garantir o mínimo de sobrevivência do indivíduo no mundo globalizado. Todavia, de acordo com Morais (1996, p.16), antes do século XIX, quer dizer antes da Revolução Industrial, a leitura era assunto de uma minoria, quer fosse à leitura de romances, de escrituras divinas ou textos ligados mais diretamente às instituições e às profissões.

A leitura e a escrita na antiguidade eram, geralmente, restritas a um pequeno número de pessoas privilegiadas. Entretanto, em cidades populosas (como Roma, com cerca de meio milhão de habitantes), havia milhares que liam, escreviam, escutavam e participavam ativamente da linguagem escrita, beneficiando-se dela. (FISCHER, 2006, p. 87)

O processo de ensino e aprendizagem de leitura são metodologias pessoais inerentes a cada professor de línguas, o qual se apropria do modelo que lhe é mais simpático e eficaz segundo a sua visão docente. Todavia, existe a exposição de métodos para o ensino da leitura, quer em LE ou na língua materna. Segundo Borba e Guaresi (2007, p. 11), “a leitura tem como objetivo a compreensão do texto, sendo esse um mediador entre o escritor e o leitor”, porém, para Costa e Pereira (2009, p. 320), “ler significa fundamentalmente dois processamentos – bottom-up⁴ e top-down⁵”.

De acordo com Costa e Pereira (2009, p. 320), “o processamento bottom-up caracteriza-se como ascendente, fazendo movimento das partes para o todo. Constitui-se numa leitura linear, minuciosa, vagarosa, em que todas as pistas visuais são utilizadas”. Ainda conforme Costa e Pereira (2009, p. 320), “o processo top-down, defendido especialmente por Goodman (1991) e por Smith (2003), caracteriza-se como um movimento não linear que faz uso de informações não lineares”.

4.1. Leitura: Modelo de Goodman

No modelo de aprendizagem de Goodman, de acordo com Silveira (2005, p. 27), “a leitura é uma conduta inteligente e é o centro da atividade humana e do processamento da informação. Com esse pressuposto, o modelo de Goodman provocou um grande impacto pelo seu pioneirismo”. Para Borba e Guaresi (2007, p. 91), “segundo a proposta de Goodman, a leitura deve ser vista como um jogo psicolinguístico de adivinhação, por meio do qual ocorrem as predições sobre o significado”.

O modelo de Goodman, ainda de acordo com Silveira (2005, p. 30), “se aproxima da teoria gerativo-

transformacional na medida em que defende o pressuposto da universalidade do processo da leitura, isto é, em todas as línguas os leitores utilizam os mesmos procedimentos, e tem o mesmo propósito essencial: obter o significado do texto”.

4.1.1. Leitura: Modelo de Frank Smith

O modelo de aprendizagem e de desenvolvimento da leitura criado por Frank Smith, segundo Pietraróia (1997, p. 65), “tornou-se referência graças ao modelo construtivista que descreveu para a leitura em língua materna”. Todavia, de acordo com Silveira (2007, p. 31), “toda a sua obra tem como preocupação central a descrição dos processos cognitivos e linguísticos que são inerentes ao ato de ler. Efetivamente, podemos aproximar muitos dos seus pressupostos àqueles que embasam o modelo de Goodman”.

A configuração de leitura de Frank Smith e Goodman parece não serem tão diferentes, pois conforme Silveira (2007, p. 31), “ambos os teóricos assumem uma perspectiva psicolinguística e procedimental, tendo como uma das principais características a ênfase nos processos descendentes como fatores para uma leitura eficaz”. Nesse contexto, Pietraróia (1997, p. 65) afirma que, “parte da afirmação de que ler consiste em construir um sentido a partir do escrito; essa construção é voluntária, racional e depende diretamente dos conhecimentos prévios e das expectativas do leitor, e não somente do texto”.

4.1.2. Leitura: Modelo ascendente de Gough

Smith e Goodman enfatizam o conhecimento prévio como de suma importância para a efetivação da leitura. Segundo Silveira (2007, p. 34), “este modelo vai se caracterizar, portanto, pela defesa dos processamentos ascendentes (bottom-up, também conhecido como “text-based” ou “data-driven processing”)”. Vale ressaltar que Pereira e Guaresi (2012, p.52) nos falam que “o modelo ascendente de leitura (bottom up) é um modelo centrado no texto, desenvolvido por Gough (1972), que considera a leitura como um processo linear, serial, que vai da identificação de letras e palavras à extração do significado do texto”.

4. De baixo para cima.
5. De cima para baixo.

De acordo com Silveira (2007, p. 34), “o modelo de leitura de Gough, bem fiel ao processamento seriado da informação, de base indutiva, termina recuperando muitos dos pressupostos behavioristas, pois o processo começa com um estímulo sensorial e termina com uma resposta”. Nesse modelo de leitura, para Pereira e Guarasi (2012, p. 53), “a leitura é vista como um processo passivo, no qual o leitor é apenas um decodificador do significado que o próprio texto carrega”.

mas sim sujeitos que fazem uso consciente da linguagem e que sejam capazes de interpretá-la criticamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se através desta pesquisa conhecer os caminhos percorridos pela língua inglesa desde os tempos mais longínquos de sua história até a contemporaneidade. Ao longo de nossa pesquisa foi possível compreender algumas indagações suscitadas a partir de dúvidas com relação à leitura de textos escritos em um idioma não materno.

Por intermédio desse estudo, foi possível conhecer e se apropriar de um enorme leque de métodos de leitura que o indivíduo possui para ler e compreender a complexidade de escritos textuais, sejam eles no seu idioma de origem ou em uma língua estrangeira.

É conclusivo para nós que, por meio das abordagens metodológicas do ensino de leitura em uma segunda língua, em nossa pesquisa se limita ao idioma inglês, é possível contemplar a leitura textual escrita nessa língua, tornando-a prazerosa e eficaz.

Os teóricos consultados, que por sua vez se configuraram como pilares de nosso estudo, nos nortearam para a melhoria de nossa capacidade de compreensão da complexidade de pesquisar para descobrir os caminhos percorridos pela língua inglesa para se tornar um idioma universal.

Portanto, por meio do que foi exposto até aqui, concluímos que a leitura é uma habilidade extremamente importante no processo de ensino e aprendizagem em língua estrangeira, uma vez que não se deve formar sujeitos que só treinam, que só decoram e que são meros depósitos de informações,

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO FILHO, Raul. **Business English Magazine**. Rio de Janeiro: Raul Augusto de Oliveira Filho, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BIZZOCCHI, Aldo Luiz. **Léxico e Ideologia na Europa Ocidental**. São Paulo: Annablume, 1997.
- BORBA, Valquíria C.M. GUARESI, Ronei (Orgs.). **Leitura: processos, estratégias e relações**. Maceió: Edufal, 2007
- CONSOLO, Douglas Altamiro. VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena (Orgs.). **Pesquisa em linguística aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira**. São Paulo: Unesp, 2004.
- COSTA, Jorge Campos da. PEREIRA, Vera Wannmacher. (Orgs.). **Linguagem e Cognição: relações interdisciplinares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
- DOURADO, Maura Regina. **Tendências atuais no ensino de língua inglesa e implicações para formação de professores**. Ariús, Campina Grande, v. 13, n. 2, p. 168–175, jul./dez. 2007.
- FISCHER, Steve R. **História da Leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.
- GOIS, Marcos da Costa. **Memorização para Aprender Idiomas**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.
- JACOBS, Michael A. **Como não aprender inglês**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- LAFACE, Antonieta. et al. **Estudos Linguísticos e Ensino de Línguas**. São Paulo: Arte & Ciências, 2006.
- LIMA, Nayra Silva. SILVA FILHO, Marcelo Nicomendes dos Reis. **A Abordagem Comunicativa no Processo de Aquisição de Língua Inglesa**. Web-Revista Sociodialeto: Bach. Linc., Mestrado – Letras – UEMES/Campo Grande, v. 2, nº 3, mar. 2013.
- LOPES, Maria Cecília. **Compreensão em Língua Inglesa**. ed. rev. Curitiba, PR. IESDE Brasil, 2012.
- NICHOLLS. Susan Mary. **Aspectos Pedagógicos e Metodológicos do Ensino de Inglês**. Alagoas: Edufal, 2001.
- MARTINEZ, Ron. **Como se diz chulé em Inglês?**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- MORAZ, Eduardo. **Inglês para o dia a dia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

OHMAE, Kenichi. **O novo palco da economia global: desafios e oportunidades de um mundo sem fronteiras**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

PIETRARÓIA, Cristina Moebeck Casadei. **Percursos da leitura: léxico e construção do sentido na leitura em língua estrangeira**. São Paulo: Annablume, 1997.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos teóricos e estratégias de leitura: suas implicações no ensino**. Maceió: Edufal, 2005.

TERRA, João Evangelista Martins. **O Deus dos Indo-Europeus**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

VIAN JUNIOR, Orlando. **Língua e cultura inglesa**. 1 ed. ver. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.